

# A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NAS CIÊNCIAS HUMANAS 3

Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)

 **Atena**  
Editora

Ano 2019





Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)

# A Produção do Conhecimento nas Ciências Humanas 3

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação e Edição de Arte:** Natália Sandrini e Lorena Prestes

**Revisão:** Os autores

### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

P964 A produção do conhecimento nas ciências humanas 3 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A Produção do Conhecimento nas Ciências Humanas; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-277-7

DOI 10.22533/at.ed.777192404

1. Antropologia. 2. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil.  
3. Pesquisa social. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 301

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Chega mais perto e contempla as palavras.

Cada uma

Tem mil faces secretas sobre a face neutra

E te pergunta, sem interesse pela resposta,

Pobre ou terrível, que lhe deres:

Trouxeste a chave?

Carlos Drummond de Andrade

O livro faz parte da publicação em três volumes na qual reúne trabalhos e pesquisas realizadas por acadêmicos de universidades de diversas regiões do Brasil. O rigor metodológico e científico presentes na elaboração do livro revela a seriedade e a profundidade com que os temas foram tratados. Por isso, trata-se de uma leitura necessária e obrigatória para quem pretende fazer ciência no Brasil.

Meu primeiro desafio é em relação à escolha do discurso que irei adotar para tratar sobre o tema deste livro, já que a comunicação não pode ficar dúbia, tampouco simplória ou demasiadamente complexa, independentemente de quem venha a ser o interlocutor, seja filósofo, educador, mestre ou aluno.

Neste processo que aqui início, permito-me devanear sobre a provocativa questão: afinal, qual a importância dos conhecimentos produzidos por nós na área das ciências humanas?

Contudo, como reconheceu Foucault, o começo de qualquer discurso é angustiante. Ele, que tratou o tema com seriedade e rigor, confessou o peso do início do discurso em sua aula inaugural no Collège de France, e em sua fragilidade humana, confessou: “Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo o começo possível” (p. 5).

Escrever é como falar: uma captação de palavras, a busca, com a obstinação de um arqueólogo, pelas mais apropriadas para dar forma ao pensamento. Percebo que a língua é uma matéria-prima indócil. Em primeiro lugar, porque quem escreve luta com palavras, como escreveu Drummond (*O lutador*). Em segundo, porque força o autor ao confronto com a própria solidão, o embate com lacunas de algo que poderia estar ali e que, por isso mesmo, pode levar à confusão.

Isso me faz refletir sobre a produção de conhecimento. Quase sempre nos referimos à construção de saberes sob a forma escrita. Nos meios acadêmicos, essa é, ao mesmo tempo, uma exigência das agências de fomento e uma forma de controle institucional de produção. Somos impelidos a escrever, e por consequência, cada vez mais nos mantemos em solidão. E assim corremos o risco de nos afastarmos do mundo e dos papéis que, nas ruas, nas esquinas e em nossas casas e classes, tornam a vida um movimento coletivo de fazer, desfazer e compreender o cotidiano. Meio da cultura viva, que pulsa, lateja, vibra e produz conhecimentos.

Alguns podem apontar que a fala de alguém não escolarizado compartilha e participa de uma produção carente, grosseira, desdenhativa, de senso comum. Outros rebateriam, considerando que todo saber produzido coletivamente, nos esforços diários das pessoas para entender a vida, é uma configuração legítima e qualificada de conhecimento. Todavia, alguém poderia se acelerar em responder: “Mas o que o povo produz são compreensões leigas, e estamos aqui falando de sistemas de verdades produzidos pelas ciências humanas, não nas ruas, mas em centros de pesquisas e universidades”. Nesse “esclarecimento”, torna-se explícita a notória divisão entre saber acadêmico e saber popular.

O risco do banimento das experiências de vida dos personagens que pretendemos pesquisar se evidencia diante das fronteiras geográficas e fixas que criamos para constituir aqueles mesmos centros e universidades. O medo e a ameaça de sofrermos agressões desse mundo que nos parece exterior nos fazem idealizar, planejar e criar novas estratégias de confinamento espacial, e assim colocamos cercas em todo o espaço que acolhe as construções em que trabalhamos.

Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois.

Walter Benjamin

Parece que estamos sempre no limite com nossa produção escrita e com a tarefa de calcular cada novo texto concluído, nas diversas formas de registro, para recomeçarmos o mesmo ciclo logo em seguida. Estamos absorvidos por uma rede de protocolos que consome tempo e nos rouba a vida. Se isto por si só não fosse suficiente, acabamos nos tornando “pessoas-produtos” por conta da constante avaliação em relação ao que produzimos. O próprio jogo institucional nos classifica como pesquisadores melhores ou piores, medianos ou brilhantes, e nos distribui em níveis hierárquicos sob siglas bem definidas pelas agências de fomento. Passamos a nos enxergar sob a discriminação que tais classificações acabam por nos conceber. Separamo-nos, assim, vaidosamente uns dos outros, como se estivéssemos ofuscados por um enclausuramento defensivo.

Ainda que o racismo seja uma planta daninha, nociva e abjeta, cuja existência incriminamos, repudiamos e analisamos sua natureza em nossos textos bem-comportados e politicamente corretos, acabamos por reproduzi-lo em nossas vidas. Emancipamos dele em nossas vidas escritas, codificadas em livros e artigos que ficam disponibilizados nas universidades e nos meios digitais. Tentamos nos manter intactos em nossa consciência, justificando que, afinal, critérios objetivos nos dividem, mas esquecemos que eles, os critérios, atendem a interesses políticos e ideológicos que amparam, neste período histórico, isso a que chamamos de *estado democrático de direito*.

Difícil pensar em uma escola *para os outros e para todos*, ou seja, uma escola

inclusiva, oposta àquela em que nos isolamos em circunscritos grupos de relações, tornando-os abalizados, e muitas vezes, intransmissíveis entre si.

Uma questão que me desanima é a seguinte: afinal, o que estamos fazendo com o cuidado de si a partir do conhecimento que produzimos para outras pessoas? Ou, como nos provoca Foucault (1998), “De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece?” (p.13).

O retorno transformador do conhecimento para aquele que o detém deve ser uma prática de bastidores e individual, ou seja, deve estar separado do processo de produção do conhecimento enquanto tal, conforme pondera Foucault:

Mas o que é filosofar hoje em dia – quero dizer, a atividade filosófica – senão o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento? [...] O “ensaio” [...] é o corpo vivo da filosofia, se, pelo menos, ela for ainda hoje o que era outrora, ou seja, uma “ascese”, um exercício de si, no pensamento (FOUCAULT, 1998, p. 13).

Foucault nos convida a filosofar como um exercício de (re)escrita de si, por meio de

práticas reflexivas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam formas de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo (FOUCAULT, 1998).

A importância das ciências humanas para a produção de conhecimento, no entanto, não se resume somente à área da educação, mas abrange a nós como um todo, já que habitamos os espaços nos quais, institucionalmente, conferimos materialidade às faculdades de educação. Todavia, coloquei-me como membro desta e escrevo como parte dela. Portanto, faço parte do jogo que pretendi desnudar.

E ainda perseguindo a ideia de que nossa produção por vezes se torna uma compulsão, que não nos permite ter tempo para nos deleitarmos com o que produzimos, tento pensar como sair efetivamente desse impasse.

Em certas circunstâncias, creio que nos iludimos ao pensar que, quanto mais aprendemos, mais teoricamente afinados ficamos e mais temos a ensinar às novas gerações. Segunda armadilha: se já sabemos o que ensinar, qual o espaço de criatividade que damos ao aluno? Temos alguma garantia sobre o que de fato ensinamos?

A ideia não é nova, basta lembrar Paulo Freire. Todavia, é um desejo semelhante ao movimento do amante em direção ao preenchimento de uma falta não passível de objetivação pelo amado.

Portanto, a aprendizagem é algo que escapa, que não se pode controlar de fora, mas que pode ser praticada no jogo amoroso de buscas recíprocas de atendimento de desejos, também recíprocos, do professor e do aluno, em necessária parceria afetiva.

Arrisco concluir que aquilo que produzimos pode, apenas em parte, atender ao aluno. E que talvez não seja possível estabelecer como e de que maneira o atende.

O que sabemos é o ponto de partida da nossa oferta, e não a satisfação da demanda daquele que busca conhecimento.

Com isso, o saber e a ciência adquirem um papel ainda mais relevante do que tinham tempos atrás. As concepções de produção do conhecimento sofrem alterações de época em época, pois cada momento histórico tem seus próprios modelos e suas maneiras particulares de ver, agir e sentir, acompanhados de um novo conceito de produção do conhecimento e, conseqüentemente, do que é válido e reconhecido. O conhecimento está sempre associado à situação transitória de evolução em que se encontram as sociedades em variadas épocas, determinando e sendo determinado pela situação.

Para esse trabalho de reflexão sobre a produção de conhecimento na sociedade da informação, inicialmente abordaremos o processo de construção de conhecimento, o conhecimento científico e a pesquisa em ciências humanas, mais especificamente em educação, contextualizando, em seguida, com a sociedade da informação e as novas discussões emergentes sobre o conhecimento científico.

Com a perspectiva de Walter Benjamin, de que “o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois”, fizemos essa pequena inserção empírica para acrescentar outras vozes na interlocução que viemos fazendo. Conscientes dos limites e desafios que precisamos assumir para aprofundamento deste tema, ficou para nós que: “escrever é isso aí: interlocução”.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
POLIFARMÁCIA NO IDOSO: O PAPEL DA ENFERMAGEM NA PREVENÇÃO DAS IATROGENIAS	
Cláudia Fabiane Gomes Gonçalves Samara Maria de Jesus Veras Maria Aparecida de Souza Silva Rebeca Cavalcanti Leal Cynthia Roberta Dias Torres Silva Ana Karine Laranjeira de Sá Valdirene Pereira da Silva Carvalho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7771924041</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>8</b>
PRAZER E SOFRIMENTO DOCENTE NA DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA: UMA REVISÃO TEÓRICA NA PERSPECTIVA DA PSICODINÂMICA DO TRABALHO	
Chancarlyne Vivian Letícia de Lima Trindade	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7771924042</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>19</b>
RELAÇÃO ENTRE A ESCOLARIDADE E A COGNIÇÃO EM PESSOAS IDOSAS DO DEPARTAMENTO DO IDOSO DA FUNDAÇÃO PROAMOR DE PONTA GROSSA-PR, BRASIL	
Fabio Ricardo Hilgenberg Gomes Gislaine Cristina Vagetti Aline Bichels Luana Suemi Fujita Cinthia Fernanda da Fonseca Silva Valdomiro de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7771924043</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>32</b>
RELATO COM A PRÁTICA DE ENSINO ATRAVÉS DO ESTAGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL II	
Edison Vieira Gonçalves Junior Diego Paschoal de Senna	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7771924044</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>41</b>
RESILIÊNCIA DE PESSOAS IDOSAS: PERCURSOS	
Sheila Marta Carregosa Rocha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7771924045</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>51</b>
SOBRE O SUICÍDIO: AS CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS DE KARL MARX	
Érika de Freitas Arvelos, Tayná Bonfim Mazzei Mazza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7771924046</b>	



<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>65</b>
TAMBORIL: LEVANTAMENTO ARQUEOLÓGICO, PARÂMETROS AMBIENTAIS E PRIMEIROS DADOS ARQUEOMÉTRICOS	
Sônia Maria Campelo Magalhães Ennyo Lurrik Sousa da Silva Heralda Kelis Sousa Bezerra da Silva Luis Carlos Duarte Cavalcante	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7771924047</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>81</b>
TRABALHO E DEVOÇÃO: A RECONSTRUÇÃO DA CAPELA DE SÃO JOÃO MARIA EM COCHINHOS, IRATI-PR, DÉCADA DE 1960	
Victor Huggo Lopes do Amaral Valter Martins	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7771924048</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>95</b>
TRABALHO E ESCOLA: RELAÇÕES QUE PERMEIAM A ESCOLARIZAÇÃO DO ALUNO DO ENSINO MÉDIO NOTURNO	
Andreia Tavares Angela Maria Corso	
<b>DOI 10.22533/at.ed.7771924049</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>109</b>
TRABALHO, APOSENTADORIA E LAZER COMO HABITUS SEGUNDO IDOSOS QUE FREQUENTAM A ASSOCIAÇÃO BANESTADO EM PONTAL DO PARANÁ-PR	
Carla Roseane de Sales Camargo Rita de Cássia da Silva Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77719240410</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>120</b>
TRANSPORTE COLETIVO: LUGAR DE DESEJOS E CONTRADIÇÕES NA CAPITAL PIAUIENSE (DÉCADA DE 1970)	
Cláudia Cristina Da Silva Fontineles Allan Ricelli Rodrigues De Pinho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77719240411</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>134</b>
UM DEBATE AINDA NECESSÁRIO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A FORMAÇÃO E AÇÃO DOS PROFESSORES DE UM COLÉGIO DA REDE ESTADUAL DE PELOTAS-RS NA DISCUSSÃO SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR	
Letícia Campagnolo Cavalheiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77719240412</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>139</b>
UMA ANÁLISE DO OLHAR DOS ALUNOS ACERCA DO USO DE DOCUMENTÁRIOS DO CANAL HISTORY CHANNEL EM AULAS DE HISTÓRIA	
Maria Paula Costa Tainá Raue dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.77719240413</b>	

<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>143</b>
UNIVERSIDADE E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO: NOTAS SOBRE UMA INVESTIGAÇÃO COM JOVENS ESTUDANTES SECUNDARISTAS DAS PERIFERIAS DE GOIÂNIA, LISBOA E MADRID	
Rosane Castilho	
DOI 10.22533/at.ed.77719240414	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>154</b>
VERDADE, VEROSSIMILHANÇA E PROGRESSO CIENTÍFICO EM POPPER	
Sebastião Maia de Andrade Aristides Moreira Filho	
DOI 10.22533/at.ed.77719240415	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>163</b>
VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES. MALLETT/PR, PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX	
Valdinéia Strugala Valter Martins	
DOI 10.22533/at.ed.77719240416	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>174</b>
A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO DA EDUCAÇÃO SEXUAL E INCLUSÃO ESCOLAR NA UNIVERSIDADE	
Solange Aparecida de Souza Monteiro Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.77719240417	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>185</b>
FILOSOFIA AFRICANA E A LEI 10.639/2003	
Danilo Rodrigues do Nascimento Flávia Rodrigues Lima da Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.77719240418	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>194</b>
INFLUÊNCIA DA IDADE NA MEMÓRIA E COGNIÇÃO DE IDOSOS FREQUENTADORES DE UM PROGRAMA DE EXERCÍCIO FÍSICO SUPERVISIONADO	
Bianca Yumie Eto Giovana Gomes dos Santos Maria Carolina Rodrigues Salini Regina Celi Trindade Camargo Claudia Regina Sgobbi de Faria Franciele Marques Vanderlei Laís Manata Vanzella	
DOI 10.22533/at.ed.77719240419	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>205</b>
NORMALIDADE E DIFERENÇA: VIVÊNCIAS DE ESTUDANTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA	
Akeslayne Maria de Camargo Iris Clemente de Oliveira Bellato Louise Gomes de Pinho Emília Carvalho Leitão Biato Barbara E. B. Cabral	
DOI 10.22533/at.ed.77719240420	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>219</b>

## UM DEBATE AINDA NECESSÁRIO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A FORMAÇÃO E AÇÃO DOS PROFESSORES DE UM COLÉGIO DA REDE ESTADUAL DE PELOTAS-RS NA DISCUSSÃO SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR

**Letícia Campagnolo Cavalheiro**

Universidade Federal de Pelotas  
Pelotas-RS

**RESUMO:** O presente trabalho busca compreender o papel da formação e atuação dos professores neste tensionado contexto da contemporaneidade brasileira, dessa forma aprofundaremos a discussão sobre a importância em debater a temática: gênero e sexualidade na escola, para a ressignificação de pré-conceitos utilizando como fontes a memória reavivada dos mesmos, conhecendo seus lugares de fala, sua formação, metodologias trabalhadas e espaços considerados viáveis pela escola para a abordagem de tal temática. Me proponho também a apresentar algumas iniciativas já desenvolvidas para a formação/capacitação de professores sobre a temática.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gênero, educação, escola e professores.

**ABSTRACT:** The present study seeks to understand the role training and expertise of the teachers in this tense context of contemporary brazilian, thus deepening the discussion on the importance to discuss the theme: gender and sexuality at school, to the ressignification of preconceptions using as sources the memory revived them, knowing their place, your training,

methodologies and considered viable by worked school for the approach of such a theme. I propose also to present some initiatives already carried out for the training/qualification of teachers on the subject.

**KEYWORDS:** Gender, education, school and teachers.

A proposta que tenho me dedicado a pesquisar aborda um olhar de gênero que seja capaz de dialogar e discutir com as disciplinas ministradas na escola enfatizando a formação e atuação dos educadores/professores de uma escola da rede estadual de Pelotas. É digno de um destaque inicial que esta pesquisa não é inédita, mas busca reforçar de forma crítica este campo de debate histórico/historiográfico.

É importante apresentar a fim de dar uma ideia da estruturação da presente pesquisa sua origem mais imediata que teve gênese no trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em História pela UFPel “Rompendo o silêncio: o ensino de história como possibilidade para discutir as relações de gênero e o enfrentamento à homofobia no contexto escolar”, onde abordei a temática da homofobia e o ensino de história, discutindo de que forma a disciplina de história poderia contribuir na discussão das relações de gênero enquanto produto



de processos históricos. Neste trabalho ficou mais evidente a urgência em debater e operacionalizar tal temática no ambiente escolar e a singularidade do papel dos professores na reflexão dessa problemática contemporânea pois, no nosso entender, proporcionará aos estudantes condições para que possam perceber a historicidade do debate sobre gênero, mentalidades, práticas e formas de relações sociais, como uma das principais funções da disciplina de história (PINSKY, 2015), ampliando esta compreensão às demais disciplinas e possibilitando um diálogo a partir da mesma. Por meio de tal prática, onde a teoria em ato pode ser testada, é possível tornar a escola um lugar de diálogo, de construções e desconstruções, oportunizando aos estudantes uma visão crítica das próprias concepções que estes formaram até então. Dessa forma, pretende-se aprofundar a discussão sobre a importância deste debate, sobre gênero e sexualidade na escola, para a ressignificação de pré-conceitos utilizando como fontes a memória reavivada de professores e professoras que responderão os questionários relacionados a gênero e educação, conhecendo seus lugares de fala, sua formação, metodologias trabalhadas e espaços considerados viáveis pela escola para a abordagem de tal temática.

Reafirmo a importância de entender a escola como um lugar de sociabilidade e, como tal, reprodutora de relações existentes na sociedade, embora haja um esforço e empenho para que os estudantes possam interagir e se constituírem enquanto agentes transformadores. No entanto, a escola carrega todo esse tecido social que a compõe, muitas vezes camuflando seus preconceitos. Seffner em seus escritos elenca a possibilidade da escola ser pensada em uma dupla chave: “como local de alfabetização científica e como local de sociabilidade, a sociabilidade do espaço público e dos ideais republicanos, que difere da sociabilidade familiar” (SEFFNER, 2016, p. 48).

Cumprindo esse duplo papel, são perceptíveis as inúmeras atribuições que a escola vai se desafiando, algumas vezes ficando impossibilitada de intensificar ações em vista de conteúdos pragmáticos seguidos à risca para dar conta de um plano que precisa ser alcançado ao final do ano. É possível identificar estas demandas como fundamentais dentro de nossas escolas, que deveriam estar relacionadas à assuntos algumas vezes silenciados como racismo, gênero, sexualidade, gravidez na adolescência, entre uma lista infindável de temas que circulam os pensamentos e as realidades de nossos jovens e adolescentes. Tais demandas constituem-se de um campo de disputa entre docentes e alunos: muitas vezes há o interesse por parte dos alunos, em outras a escola acaba vendo-se acuada em trabalhar com as mesmas.

Frente ao exposto buscamos com nosso trabalho enfrentar em parte a análise dessas situações, buscando compreender o papel da formação e atuação dos professores neste tensionado contexto da contemporaneidade brasileira. Nesse sentido, fazem-se necessários projetos para a formação/capacitação de professores sobre a temática, que deem suporte às leis, já que estas não se bastam sozinhas como sinalizam Freire, Santos e Haddad

“Não bastarão leis se não houver a transformação das mentalidades e práticas, daí o papel estruturante que adquirem as ações que promovam a discussão desses temas [...] para que a escola não seja um instrumento de reprodução de preconceitos, mas espaço de promoção e valorização das diversidades que enriquecem a sociedade brasileira”. (FREIRE; SANTOS E HADDAD, 2009, p. 9)

Para analisar o objeto em questão faz-se necessário apontar alguns conceitos que serão fundamentais para compreender o objetivo da pesquisa. A iniciar o conceito de gênero, discutido por diversos autores, dos quais trabalharei com as abordagens realizadas por Pinsky, que sugere o olhar de gênero não somente como algo cultural nas percepções das diferenças sexuais como também a influência das ideias criadas a partir destas percepções na constituição das relações sociais em geral (PINSKY, 2015). Para a autora, o gênero como elemento constitutivo das relações sociais interage com outras variáveis como a classe social, etnicidade, grupo etário, status familiar. Observando tais interações é possível compreender melhor as relações sociais em sua grande complexidade, em que diferentes casos estudados investigam como tais variáveis afetam as vidas dos sujeitos históricos (PINSKY, 2015).

Será importante perceber e compreender as nuances que a discriminação de gênero encontra e, para esta discussão, utilizarei as reflexões de Junqueira que apontam: “Ao ser não apenas consentida, mas também ensinada, a homofobia adquire nítidos contornos institucionais, tornando indispensáveis pesquisas que nos permitam conhecer a fundo as dinâmicas de sua produção e reprodução nas escolas, bem como os seus efeitos nas trajetórias escolares e nas vidas de todas as pessoas. Somos também desafiados a construir indicadores sociais de homofobia nos sistemas escolares para, entre outras coisas, formularmos, implementarmos e executarmos políticas educacionais inclusivas” (JUNQUEIRA, 2009, p. 16).

Estas abordagens precisam estar inseridas num campo mais amplo que compreenda a discussão integrada a reflexões já realizadas por Louro, quando trabalha gênero e educação especificamente na docência. A autora afirma que: “Se as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros, isso significa que essas instituições e práticas não somente “fabricam” os sujeitos como também, são elas próprias, produzidas, bem como por representações étnicas, sexuais, de classe, etc. De certo modo poderíamos dizer que essas instituições têm gênero, classe, raça” (LOURO, 1998, p. 88). Tal abordagem é fundamental para compreendermos o universo em que estes docentes estão inseridos e o que influencia suas ações e posicionamentos.

Depois de realizada algumas leituras para compreender uma visão mais geral da temática proposta, irei utilizar a entrevista semiestruturada como metodologia para a elaboração dos questionários com os docentes acerca das interrogativas das quais pretendo analisar. Baseamo-nos nas contribuições de Marieta Ferreira e Janaina Amado, que apontam a história oral como pesquisa empírica de campo, indissociável da reflexão teórico-metodológica, demonstrando de maneira mais convincente que o objeto histórico é sempre resultado de uma elaboração: em resumo, que a história é

sempre construção (AMADO; FERREIRA, 2002).

Cabe refletir neste embate a identificação do profissional docente e os axiomas sociais diluídos no corpo social o aspecto entre a memória e a identidade. Pohndorf destaca que “[...] o indivíduo é central ao que se refere à memória assim como em relação à identidade, ambas são construídas na sociedade por meio de ações de indivíduos e das relações existentes entre estes. A memória é complexa, pois mesmo se dando na maioria das vezes por meio de trocas sociais, ela é singular ao sujeito. Para a memória recaem as interpretações dos fatos, ou seja, duas ou mais pessoas podem ter vivenciado o mesmo momento juntas, e, tempos depois, ao recordarem-se do vivido poderão ter opiniões totalmente adversas uma à outra” (POHNDORF, 2013, p. 34), evidenciando aspectos fundamentais na análise a qual nos propomos enfrentar na pesquisa.

Até o presente momento já foram realizadas leituras referentes à bibliografia procurando ampliar as discussões e conhecer trabalhos já realizados sobre a temática em questão, tais como o trabalho do professor Alfrancio Ferreira Dias, 2013, sobre relações de gênero no trabalho docente, o material desenvolvido por iniciativa federal, “Gênero e sexualidade na escola” 2009, como subsídio para formação de professores em Gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais, entre outros.

Proponho conhecer as abordagens utilizadas pelos docentes que responderão os questionários da escola em apreço, sobre gênero e sexualidade como uma das ferramentas utilizadas para a formação de estudantes cada vez mais capazes de respeitar e conviver com a diversidade. Quando este for um assunto trabalhado de forma integral e com total responsabilidade, estaremos contribuindo com seus processos de construções e apropriações de forma a respeitar as mais diversas formas de expressões, bem como oportunizando espaços de diálogos e debates como instrumento de conhecimento e politização acerca dos conteúdos e temáticas que na maioria das vezes não são abordados.

Em seguida as questões já elaboradas para a entrevista por meio de um questionário: 1. Quem deve orientar o diálogo, juventude/adolescente e sexualidade/gênero? 2. Durante a formação acadêmica, teve acesso a leituras, disciplinas, cursos, debates sobre a temática? 3. Como se portam/sentem-se ao serem questionados em relação à essa temática? 4. Considera importante a discussão da temática no ambiente escolar? 5. Tem acesso à infinidade de material disponível na internet, como artigos, livros digitais sobre a temática? 6. Como capacitar, dialogar, discutir e questionar a sua prática, como professor ou professora para que, frente ao debate referente à temática Gênero e Sexualidade, possa posicionar-se de maneira a contribuir para um ambiente de diversidade, respeito, convivência. Disserte. 7. Enfrentamos resistências em promover este diálogo na escola? 8. Considera importante a discussão sobre a temática frente ao cenário atual?

Pretendo descrever como acontece o debate sobre gênero e sexualidade e a inserção dos professores da escola da rede estadual de Pelotas, frente ao mesmo;



conhecer os métodos utilizados pelos professores para o trabalho sobre gênero e sexualidade nas suas disciplinas; buscando inferir juntamente aos professores sobre a necessidade de abordar tal temática na formação da docência; como também perceber a importância de tal debate para a promoção de igualdade e respeito à diversidade na escola, minimizando os índices de violência de gênero e despertando o pensamento crítico-reflexivo para uma educação não discriminadora.

## REFERÊNCIAS

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta Moraes. (orgs.) **Usos & abusos da História Oral**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 2002.

DIAS, Alfrancio Ferreira. **Relações de Gênero no trabalho docente: um estudo de caso no Colégio Estadual Atheneu Sergipense**. 2013. 241 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Sergipe, 2013.

**Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais**. Livro de conteúdo. Versão 2009. – Rio de Janeiro : CEPESC; Brasília : SPM, 2009.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. (org.) **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas** – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

LOURO, Guacira L. O gênero na docência. In: \_\_\_\_\_. **Gênero, sexualidade e educação; uma perspectiva pós-estruturalista**. 2. ed. Petrópolis: Vozes/CNTE, 1998.

PINSKY, Carla Bassanezi. Gênero. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.): **Novos temas nas aulas de História**. São Paulo: Contexto, 2015.

POHNDORF, Marília da Rocha Hofstätter. **O movimento estudantil universitário em Pelotas durante a redemocratização do Brasil (1978 – 1985): memórias de atuações contra a ditadura**. 2013. 139 f. Dissertação (Mestrado em História) Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2013.

SEFFNER, Fernando. Escola pública e professor como adulto de referência: indispensáveis em qualquer projeto de nação. **Educação Unisinos**, São Leopoldo, Unisinos, v. 20, p. 48-57, 2016.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO** Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos (IFSP/ Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afrobrasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-racial.